

O CINEMA E A DIDÁTICA DA HISTÓRIA

SANDER CRUZ CASTELO*

Problematização e literatura

Ainda em estágio inicial, esta pesquisa surgiu das reflexões suscitadas no Grupo de Estudos de Cinema e História, por mim criado na FECLESC-UECE, no semestre letivo 2010.1. Também frutificou com base na experiência acumulada no curso da graduação, do mestrado e do doutorado, período em que direcionei as pesquisas para o objeto cinema-História. Originou-se, igualmente, das questões defrontadas no tempo em que colaborei na imprensa como crítico cinematográfico.

Sua existência resulta, contudo, especialmente das leituras, relativamente recentes, sobre a nova Didática da História – tal como pensada por autores alemães como Jörn Rüsen e Klaus Bergmann –, feitas em razão de se lecionar disciplinas ligadas ao ensino de História. Durante os anos de 1960 e 1970, esses historiadores fizeram parte de uma geração que reformulou a disciplina, ao retirá-la de uma posição “pragmática” e “externa”, ou seja, de mediação entre a História acadêmica e a escolar, e colocá-la no centro das reflexões sobre a ciência da História, entendida, doravante, como norteadora da “vida prática” e da “moral” (RÜSEN, 2006). O cinema, como outros meios de comunicação de massa, desponta, nesse prisma, como via privilegiada para se entender “as funções e os usos da História na vida pública”, um dos objetos da nova Didática da História (RÜSEN, 2006).

Para alguns historiadores, o cinema não ajudaria a deslocar somente o eixo da ciência da História. Jorge Nóvoa, arrimado nas sugestões de Ferro (1992) de uma nova ciência ancorada no audiovisual, chega a propor a refundação do paradigma científico, com base no cinema. Este seria o “laboratório” de uma “razão poética” transdisciplinar, que fundiria razão e emoção, especulação e empirismo, objetividade e subjetividade. Os

* Professor Doutor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A pesquisa é financiada pela UECE e pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), contando com dois bolsistas de iniciação científica. O presente texto é uma adaptação do projeto de pesquisa aprovado.

elementos necessários à elaboração da epistemologia dessa nova 'ciência' (...) contém as questões não somente ligadas à comunicação de emoções, de sentimentos e de devaneios, como ainda das informações, dos saberes ou a interpretação de um evento político, policial ou existencial qualquer, assim como uma tese explicativa sobre um fenômeno científico natural ou histórico, social ou psicológico (2009: 160).

Não percorreremos esta vereda, ainda que as reflexões de Nóvoa nos sejam de grande utilidade. Limitar-nos-emos, nesta pesquisa, a investigar as potencialidades do cinema na Didática da História, ou seja, na aprendizagem histórica, entendida num sentido *lato*, tal como o faz a historiografia alemã contemporânea. Isto é, pretende-se entrecruzar as reflexões sobre as mediações entre o cinema e a História, especialmente as narrativistas, levadas a cabo por autores como Ferro (1992), Lany (2000), Lera (1997), Rosenstone (1998, 2010), White (1988), Carnes (1997), Nóvoa (2009) e Cardoso (1997), com as teorizações de Rüsen (2001, 2006, 2007a, 2007b) e Bergmann (1899/1990) acerca de uma Didática da História renovada. Esta, detentora de uma nova face, a um tempo empírica, reflexiva e normativa (BERGMANN, 1989/1990), ocupar-se-ia, também, com a “escrita” e a “compreensão histórica”, matéria dos estudos sobre cinema-história supracitados. Como afirma Rüsen:

A narração histórica é mais do que uma simples forma específica de historiografia. Intérpretes contemporâneos dessa discussão (por exemplo, Hayden White e Paul Ricoeur) apresentam a narração histórica como um procedimento mental básico que dá sentido ao passado com a finalidade de orientar a vida prática através do tempo. Para entender completamente essa operação, nós temos que identificar primeiro os procedimentos da narração histórica, definir seus diversos componentes, descrever sua coerência e interrelações e construir uma tipologia que inclua sua aparência sob diferentes circunstâncias e tempos. Quando isso for feito nós poderemos obter um entendimento de como o passado adquire sua modelagem histórica específica e de como a história é constituída por atos discursivos específicos, formas de comunicação e padrões de pensamento. Tudo isso pode nos dar um insight dentro da função cultural da história mentalidade e da argumentação histórica na vida social. Aqui a teoria da história (que analisa os fundamentos dos estudos históricos) e a didática da história (que analisa os fundamentos

da educação histórica) coincidem em suas análises das operações narrativas da consciência histórica com suas conseqüentes conexões sistemáticas. Fazendo isso elas superam a infeliz separação que tem existido entre a reflexão acadêmica da natureza da história e a reflexão didática do uso da história na vida prática. A didática da história está recuperando a posição que tinha ocupado quando do início da história como uma disciplina profissional, isto é, cumprindo um papel central no processo de reflexão na atividade dos historiadores. A disciplina da história não pode mais ser considerada uma atividade divorciada das necessidades da vida prática (2006: 14-5).

Sobre a narrativa fílmica, especificamente, Rüsen pontua que a ampliação das fronteiras da Didática da História, não se restringindo mais ao aprendizado e ao ensino escolar, impõe à disciplina a análise de “todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa (...)” (2006: 12). Bergmann, de seu lado, ao imputar à Didática da História o escopo amplo de “uma disciplina que pesquisa a elaboração da História e sua recepção, que é formação de uma consciência histórica, se dá num contexto social e histórico e é conduzida por terceiros, intencionalmente ou não”, reserva a ela, entre outras atribuições, a de tratar “da exposição/representação da História feita pelos *mass-media* e meios de comunicação de massa, como, p.ex., filme, televisão, vídeo, rádio e imprensa” (1989/1990: 30-1).

Justificativa

Uma pesquisa sobre os diálogos entre o Cinema e a História se legitima pelo próprio vigor e potencial desse campo de conhecimento, nascente, porém, promissor. Iniciado na década de 1960, sob os cânones da 3ª geração dos *Annales*, ou *Nova História Cultural*, o campo desde então se desenvolveu significativamente, explorando e ampliando as teorizações e metodologias sugeridas pelo seu fundador, Marc Ferro. Atualmente, ele comporta várias vertentes, tendo desbordado da França, seu lugar de origem, atingindo especialmente países como Espanha e EUA. No Brasil, essas reflexões têm se corporificado especialmente a partir da década de 1990, crescendo exponencialmente doravante, como o demonstram o número crescente de revistas

especializadas, laboratórios, pesquisas, simpósios temáticos e mini-cursos (em número de 5 e 2, respectivamente, no último encontro nacional da ANPUH) direcionados a elas (CASTELO, 2010: 1-2).

A motivação para o aprofundamento do objeto também advém das disciplinas por mim ministradas no campo do ensino de História, no curso das quais constatei a disposição dos alunos de usar o filme na sala de aula, por ocasião do estágio.

O incentivo para o estudo verticalizado do objeto igualmente se explicita pelas pesquisas, desenvolvidas por alguns orientandos, que tomam o cinema como objeto de estudo, inclusive no ensino de História.

A pesquisa também deve surtir efeito entre meus alunos, ávidos por fazer do cinema um instrumento que os auxilie a restituir a História à vida em seus estágios nas escolas de Quixadá-CE (sede da FECLESC) e municípios vizinhos.

Por fim, creio que esta investigação dará impulso e sustentabilidade ao Grupo de Estudos de Cinema e História.

Objetivos

Procurando-se investigar as apropriações possíveis do cinema na Didática da História, disciplina que se volta aos elementos constitutivos da educação histórica, delimitou-se um objetivo geral e se o desdobrou em três específicos.

Objetivo geral:

Pesquisar os usos possíveis do cinema na Didática da História, isto é, na formação da consciência histórica.

Objetivos específicos

1) Delinear as apropriações do cinema no campo historiográfico, mediante o estudo de suas vertentes mais significativas, quais sejam, a européia, que privilegia o uso do filme como fonte histórica, e a norte-americana, que salienta a sua abordagem como escritura

da História (CASTELO, 2010: 2), sem descurar, contudo, da contribuição dos estudiosos brasileiros.

2) Mapear as questões trazidas pela nova Didática da História, de matriz alemã.

3) Entrecruzar os estudos sobre o cinema, no campo historiográfico, notadamente as abordagens narrativistas, com as reflexões da Didática da História alemã sobre o papel dos meios de comunicação de massa, especificamente o cinema, na conformação da consciência histórica.

Fontes e Metodologia

Os materiais a serem utilizados são, basicamente, os artigos e livros listados nas “Referências bibliográficas”. Também usaremos como fontes alguns filmes citados e analisados na literatura acadêmica, na medida em que atendam às demandas da pesquisa. A literatura a ser usada pode ser dividida nos seguintes tópicos:

1) Historiografia européia sobre cinema-História – a escola contextual:

- 1.1) Marc Ferro e a “contra-análise da sociedade”;
- 1.2) Caparrós Lera e a “metodologia filme-história”;
- 1.3) Michèle Lagny e a “escrita fílmica”.

2) Historiografia estadunidense sobre cinema-História – a escola narrativista:

- 2.1) Robert Rosenstone e a “história em imagens”;
- 2.2) Hayden White, a historiografia e a “historiofotia”;
- 2.3) Marc Carnes e o filme histórico como “passado imperfeito”.

3) Historiografia brasileira sobre cinema-História:

- 3.1) Jorge Nóvoa e a “razão poética”;
- 3.2) Ciro Flamarion Cardoso e a semiologia.

4) Didática da História alemã:

- 4.1) Jörn Rüsen e o “aprendizado histórico”;
4.2) Klaus Bergmann e a “reflexão histórico-didática”.

Quanto aos métodos, além de adotarmos aqueles sugeridos pelos autores que se debruçam sobre as relações entre o cinema e a História, visamos criar outros, compatíveis com os objetivos dessa investigação, que se pretende, também, propositiva, pois é, eminentemente, teórica. A propósito, Rüsen resume bem nossa missão, transdisciplinar:

Este é um novo campo [“a análise da função do conhecimento e da explicação histórica na vida pública”] para a didática da história. Sendo que existem muito poucas abordagens teóricas e metodológicas para este problema, não existem muitos estudos empíricos disponíveis sobre o assunto. O que temos feitos são os primeiros passos na definição da disciplina, discussões sobre quais são os problemas e o que deveria e poderia ser feito. A fim de estabelecer uma estratégia de pesquisa adequada nessa área para a didática da história, é necessário sintetizar suas perspectivas, questões e métodos com aquelas disciplinas especializadas que analisam a vida pública. Por exemplo, se alguém aplicar uma abordagem moderna da didática da história aos usos e funções da história nos meios de comunicação de massa, ele precisa chegar a um acordo com o jornalismo. Isso significa que os insights específicos da didática da história – seu conceito da especificidade do entendimento histórico e o reconhecimento da função da história em dar forma à identidade social e individual – têm de ser transformados na linguagem do nosso entendimento da comunicação de massa – que está, por exemplo, dentro da semântica do cinema e da poética da comunicação visual (2006: 13).

Considerações finais

Robert Rosenstone (2010) radicaliza, em sua última obra, as proposições sobre a validade do “filme histórico” como discurso sobre o passado, tratando parte dos cineastas como verdadeiros historiadores. Resumindo sua tese, “os cineastas (alguns deles) podem ser, e já são, historiadores, mas, por necessidade, as regras de interação de

suas obras com o passado são, e devem ser, diferentes das regras que governam a história escrita” (2010: 22). Sobre esses cineastas, afirma:

(...) todos parecem obcecados e oprimidos pelo passado. Todos continuam voltando a tratar do assunto fazendo filmes históricos, não como uma fonte simples de escapismo ou entretenimento, mas como uma maneira de entender como as questões e os problemas levantados continuam vivos para nós no presente. Em seus filmes dramáticos, esses diretores fazem o mesmo tipo de pergunta sobre o passado que os historiadores – não apenas o que aconteceu ou por que aquilo aconteceu, mas qual o significado para nós, hoje, daqueles eventos. Perguntas desse tipo obviamente não são respondidas como um acadêmico as responderia, mas sim dentro das possibilidades do gênero dramático e da mídia visual. Na totalidade de suas obras, os melhores desses cineastas historiadores fornecem uma interpretação ampla e uma perspectiva mais abrangente de algum tópico, aspecto ou tema do passado. (...) Dizer que suas obras são façanhas de ‘historiadores’ é, como foi mencionado anteriormente, ampliar e alterar a noção do que esse termo significa. (...) Minha preferência pessoal é manter a palavra ‘historiador’ e defini-la como alguém que dedica uma parte significativa de sua carreira a criar significado (em qualquer mídia) a partir do passado (2010: 173-4).

Nesse sentido, o *métier* do historiador e o do cineasta não podem ser reduzidos à situação narrativa, básica, em que “alguém conta a alguém uma história, na qual o passado é tornado presente, de forma que possa ser compreendido, e o futuro é esperado” (RÜSEN, 2001: 159)?

Referências bibliográficas

BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, vol. 9, nº 19, set. 1989/fev. 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, sentido, história*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

CARNES, Mark C. (org). *Passado imperfeito: a história no cinema*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CASTELO, Sander Cruz. Projeto de Grupo de Estudos de Cinema e História. *Projeto*. Quixadá, 2010. Mimeografado.

- FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LERA, José Maria Caparrós. “Análisis crítico del cine argumental”. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, 2, 18, 1997.
- LAGNY, Michèle. “Escrita filmica e leitura da história”. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, v.10, nº1, 2000.
- NÓVOA, Jorge. Cinematógrafo. Laboratório da razão poética e do novo pensamento. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSSON, Kristian (orgs.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2009.
- ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- _____. “História em imagens, história em palavras: reflexões sobre a possibilidade de plasmar a história em imagens”. *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v. 1, nº 1, set/1998.
- RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 1, nº 2, 2006.
- _____. *História viva – teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UNB, 2007a.
- _____. *Razão histórica – teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB, 2001.
- _____. *Reconstrução do passado – teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: UNB, 2007b.
- WHITE, Hayden. “Historiography and Historiophoty”. *The American Historical Review*, v. 93, nº 5, dec/1988.